

A viagem de urutau: Como é a vagina por dentro?

Bruna Franchetto¹  0000-0001-7158-3838

¹Universidade Federal do Rio Janeiro, Museu Nacional, Departamento de Antropologia, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. 22940-040 – dep.antropologia@mn.ufrj.br



Resumos: Uma akinha (narrativa) kuikuro faz a autora voltar a pensar e a escrever sobre sexos e sexualidades de mulheres (e homens) num canto do mundo ameríndio e no nosso mundo de kagaiha (não indígenas). A personagem da akinha é Ájahi, a ave-gente Urutau, que empreende uma viagem para saber como seria a vagina por dentro. É uma narrativa divertida e séria, ao mesmo tempo, que leva para complementaridades, desdobramentos e contrastes. Egü (vulva ou vagina) é outro personagem, vagina-pessoa, que atravessa o pensamento mitológico ameríndio em fragmentos e transformações. Vulva “boa para ser pensada”.

Palavras-chave: Kuikuro; Alto Xingu; sexos; gênero; vulva.

Urutau's Journey: How is the vagina inside?

Abstract: A kuikuro akinha (narrative) makes the author think and write again about sexes and sexualities of women (and men) in a corner of the Amerindian world and in our kagaiha (non-indigenous) world. The character of the akinha is Ájahi, the Urutau bird-people, who undertakes a journey to find out what the vagina would be like from the inside. It is a fun and serious narrative, at the same time, that leads to complementarities, developments and contrasts. Egü (vulva or vagina) is another character, vagina-person, who crosses Amerindian mythological thought in fragments and transformations. Vulva “good to be thought of”.

Keywords: Kuikuro; Upper Xingu; sexes; gender; vulva.

El viaje de Urutau: ¿Cómo es la vagina por dentro?

Resumen: Una akinha (narrativa) kuikuro hace que la autora vuelva a pensar y a escribir sobre sexos y sexualidades de mujeres (y hombres) en un rincón del mundo ameríndio y en nuestro mundo kagaiha (no indígena). El personaje de la akinha es Ájahi, el pájaro-persona Urutau, que emprende un viaje para conocer cómo sería la vagina por dentro. Es una narrativa divertida y seria, al mismo tiempo, que conduce a complementariedades, desarrollos y contrastes. Egü (vulva o vagina) es otro personaje, vagina-persona, que atraviesa en fragmentos y transformaciones el pensamiento mitológico ameríndio. Vulva “buena para ser pensada”.

Palabras-clave: Kuikuro; Alto Xingu; sexos; género; vulva.

Caminhos, viagens

*Feminismo não é uma palavra da minha convivência,
mas vou buscar essa equidade no mundo dos sonhos.*

Elisa Ramos Pankararu (fala no Acampamento Terra Livre, abril 2021).

Senti-me compelida a deixar minha memória imagética percorrer pedaços dos caminhos que passaram pela Viagem de Urutau, uma *akinha hesinhügü* ('história feia') que me contaram na aldeia Ipatse, do povo kuikuro, mais de trinta anos atrás. Apresento, aos leitores, aqui, uma narrativa tradicional, contada por um homem, pertencente a um subgênero composto por histórias curtas que levam ao riso ao falar de sexo e desavenças obscenas entre afins. Na Viagem de Urutau, um chefe-ave-pessoa empreende uma investigação para responder à pergunta:

como é a vagina por dentro? Assim, a vagina é pensada, nos seus mistérios. Trata-se, também, de um fragmento de uma mitologia ameríndia mais ampla, tecida pela e através da ave Urutau.

Emigrante voluntária de onda recente, minha chegada ao Brasil veio após uma militância feminista na Itália, que continuou no Brasil logo na segunda metade dos anos 70. Contínuo, sou feminista, na travessia entre um velho e um novo mundo. Virei antropóloga linguista (ou linguista antropóloga) e a herança feminista foi comigo para o campo: Ipatse, a principal aldeia do povo kuikuro, no sudeste do então Parque indígena do Xingu – hoje, Terra Indígena do Xingu – no estado de Mato Grosso. Cerca de setecentos Kuikuro, distribuídos em várias aldeias ao longo do rio Culuene e entre este e o Rio Buriti (Mirassol), falam uma variedade da Língua Karib do Alto Xingu. Estou com os Kuikuro desde 1977.

Ouvi Ájahi *akinthagü* ('a história de Ájahi') no tempo que chamaria de 'segundo capítulo' da minha vida com os Kuikuro, numa sequência que sintetizo a seguir.

Primeiro capítulo (1977-1981): Sofrimento e primeiras aprendizagens

De um lado, eu era um ser andrógino, com a ambiguidade de uma quase assexuada (sozinha, sem marido, feia, cabelo branco, olhos de água). Do outro lado, eu era mulher com sangue (ainda menstruava ou menstruaria), cheiro perigoso, negativamente empoderada, se assim é possível dizer. Comparando com as mulheres da aldeia, gozava de alguma liberdade, mesmo se um tanto restrita, de comportamento e de movimento. Ainda, era *kagaiha* (uma 'branca' ou não indígena) sozinha no cotidiano da aldeia, solidão sem privacidade, a uma certa distância de mulheres e de homens. Algumas vezes me senti na beira do colapso emocional. Um dos meus pesadelos recorrentes era o de estar no topo de uma torre, um vendaval, frio, medo. Desejando contornar a vulnerabilidade da mulher menstruada – três dias cada mês apartada no meu canto da casa, uma pequena reclusão, poluidora de outros corpos, comidas, água –, meu corpo reagiu instintivamente e parei de menstruar, uma amenorreia que mobilizou a atenção, os comentários e as interpretações das mulheres kuikuro.

Segundo capítulo (1981-2000): Cura e outras aprendizagens

Fizeram-me cantar na festa *Kuābū*, me expondo publicamente como "aquela que veio para espionar todos nós". Todos riram às gargalhadas e o riso, como quase sempre, foi catártico, marcando uma virada. O tempo curou. Já conseguia me comunicar com as mulheres em sua língua kuikuro – finalmente elas se abriram e me abriram seu mundo. Trocávamos experiências em dois mundos, cúmplices em nossas semelhanças e diferenças, conversando muito sobre sexo e sexualidade, prazeres e dores, sedução, sangue, parto e trabalho. Conversávamos sobre os espaços de liberdade num universo paralelo feminino, delineando como que dois coletivos antagônicos e complementares, mulheres e homens. Conversávamos sobre as transformações dos corpos e meu próprio corpo se transformou. Repensei minha sexualidade, no momento em que estava sendo ressexualizada, mesmo sem atingir a condição de mulher plena. Tensão e dor diminuíram radicalmente. Foi neste momento que soube da viagem de Ájahi e da narrativa das *Itaō Kuegü* ('Hiper-Mulheres'), que absorvi numa leitura feminista (FRANCHETTO, 1996): separados numa aventura ancestral, as mulheres se transformam em 'Hiper-Seres', enquanto os homens se transformam em 'hiper-queixadas'.¹ Aquelas Hiper-Mulheres – afinal monstruosas, perigosas – se foram para os confins do mundo, numa aldeia sem homens. Identifiquei-me, em modo quase selvagem, com as Hiper-Mulheres e as mulheres, cantando e dançando em suas festas. Por outro lado, não podia evitar a mediação dos homens, seu controle e sua perspectiva; por eles soube que a vagina é valiosa (*tihipükoinhü*)² e querida, pensada, contada, cantada, vestida, pintada e esculpida. Chegou Ájahi.

Terceiro capítulo: o Agora

O terceiro capítulo do meu tempo kuikuro é o de agora. Sou *hagü* ('velha'), *inhalü leha uamatsoitilüi* ('não menstruo mais'), *inhalü leha unguui* ('sem mais sangue'). Não me sinto mais tão constrangida por *hüsu* ('vergonha, respeito'), posso atravessar mundos e espaços, posso falar alto o que quero (quase tudo), uma velha alforriada. Retomei a viagem de Ájahi, personagem masculino, contada por um homem, que faz rir mulheres e homens. Os personagens são: Ájahi (a ave urutau) e *Egü* ('vagina, vulva').

¹ As Hiper-Mulheres deram o título ao filme "As hiper mulheres (*Itaō Kuegü*)", direção de Carlos Fausto, Leonardo Sette e Takumã Kuikuro. 2011, 80'.

² *Tihipükoinhü*, 'o que tem muito *ihipügü*', um valor inerente e medida de troca e de prestações. A tradução como 'pagamento' é péssima. *Egü ihipügü*, o valor (nesse sentido) da vagina, seu alto 'preço': para ter acesso a ela, o homem deve 'pagar' com bens valiosos (nas trocas entre amantes), com trabalho contínuo anos a fio, a vida inteira (pelo genro para seus sogros). Nenhuma mulher 'dá' de graça, a menos que seja violentada.

A viagem de Urutau

No dia 11 de setembro de 1981, na aldeia Ipatse, Jakalu pediu para que eu me sentasse ao lado de sua rede, expressando o desejo de me contar Ájahi *akinthagü*, a narrativa ou uma história de Ájahi.

Estavam presentes, no contexto da execução da narrativa: eu, pesquisadora-ouvinte, envolvida na documentação da língua kuikuro desde 1977 (até hoje), atenta ao registro de diversos gêneros de fala, entre os quais dominam narrativas, como dizem os próprios Kuikuro: tudo tem *akinha*, 'tudo tem história'; Jakalu, *akinha oto* (um dos mestres reconhecidos da arte de narrar), filho de uma destacada liderança da época do estabelecimento do contato permanente com agentes do estado brasileiro (dos anos quarenta aos anos setenta do século passado).

O que é *akinha*?

A palavra kuikuro *akinha* contém a raiz *aki*, traduzível, com o amargo da aporia tradutiva, por 'palavra/língua'. Designa um objeto verbal contendo qualquer acontecimento narrativo, do mais simples e informal ao mais estruturado e elaborado quando executado por um bom *akinha oto* ('mestre de *akinha*'). O ato de executar uma *akinha* não resulta em um monólogo e não deve ser considerado de maneira isolada das relações que enunciadore e interlocutores trazem consigo no momento da narração (FRANCHETTO, 1986; 2003). Trata-se de um gênero onde conjuntos de blocos formulaicos são articulados em sequências e paralelismos pela arte do narrador.

As *akinha* se abrem, geralmente, chamando a atenção do ouvinte (*itsakeha*, 'ouça!') e deixando no fundo e nos interstícios outras *akinha*. O narrador escolhe o momento de dizer 'fim', marcado pela fórmula verbal *upügüha igei* ('este é o último').

A articulação entre as falas citadas e os eventos que as precedem e as seguem são cruciais para o caminho narrativo: narrar é também a arte de articular as vozes de diferentes personagens, num movimento progressivo entre espaços e falas, até levar a algum desfecho (sem moral).

A história de Urutau é uma *akinha hesinhügü* ('história feia' – literalmente, 'o feio de história'), subgênero narrativo que contrasta com o de *akinha hekugu* ('história verdadeira, das origens') (FRANCHETTO, 1986, p. 302-320). São narrativas curtas, fragmentos míticos que relatam jogos picantes, aventuras sexuais, relações proibidas, incestos, afins ridicularizados, amantes. E o sexo feminino, literalmente, é objeto de toda uma série de pequenas narrativas contadas para o entretenimento masculino e repetidas em voz baixa pelas mulheres.³

A abertura de uma *akinha hesinhügü* se caracteriza por tentar o ouvinte com uma armadilha metalinguística, ou, melhor, metadiscursiva: se introduz uma narrativa 'menor', como se fosse uma narrativa *hekugu*, uma longa e respeitável narrativa mítica, um belo exemplo de ironia antinômica. *Akinha hesinhügü* faz rir; veremos o poder catártico do riso, capaz de resolver dilemas e tensões. A história de Ájahi acaba em risos, faz rir e ela começa, como esperado, por uma espécie de antiabertura, com o narrador anunciando que o que o ouvinte está para escutar é uma *akinha hekugu*, 'história verdadeira', uma *tishügü akinthagüpe*, 'uma história que foi dos nossos antigos'. O narrador está afirmando o que parece estar sendo negado através de uma mentira, de um engano, típico jogo metalinguístico, expressão de uma filosofia nativa da linguagem assentada na saliência da não verdade ou, melhor, da incerteza.

A *akinha* de Ájahi: uma história de Urutau

É a história da viagem de Urutau, chefe de sua própria aldeia, à procura de resposta à pergunta que o atormentava: "Como seria a vagina? O que tem no seu interior?".

Ájahi é o nome kuikuro da ave conhecida no Brasil como Urutau, Mãe-da-Lua, Ave Fantasma (*Nyctibius griseus*).

A velha e sábia Ájahi tem o mesmo nome: Urutau. Pedi a ela umas explicações ou definições sobre essa ave e eis o que ela me respondeu, em mensagem de voz por WhatsApp, em maio de 2022, transcrita e traduzida por Ashauá Kuikuro:

i gigüpuginhü kaenga soha isakanügü, isakādohotsa hegei tügigüpuginhü
é aquele que senta na árvore sem cabeça (árvore morta, sem folhas e cortada), é o lugar onde senta
isakanügü i gani geleha inhügü, inhalüha toloi ingilüi
quando senta, se torna igual à árvore e ninguém percebe que é ave'
üle atehe tsüha o'o kuëgü kilü "igepe nhokike etigikugu këigüi" titsigitoho ima
por isso que sua bisavó falou: "leve essa lenha para cozinhar kuigiku". Foi no caminho da nossa roça
igia tüilü iheke, alu leha, ah "ajahi nika ekisei" nhüdita tiheke
ela fez assim, e voou, ah! "aquele era Ajahi", estávamos rindo
töketila leha inhügü iheke ajahi heke leha akungakilü
então ela não rachou mais lenha, porque Ájahi a assustou
etelü solale leha

³ Trata-se de um gênero alto-xinguano, não exclusivamente kuikuro.

e foi embora
isakādoho hegei tegigūpuginhūi, ajahi akādoho
 árvores sem ponta (árvores secas) são os lugares onde senta, é o lugar onde Ajahi senta
inhalūma īkonango kaenga isakanūmi tegigūpuginhū kaengaha isakanūgū
 não senta em árvore normal, mas sempre em árvores sem ponta (secas)
isani geleha inhūgū
 isso é para ele ficar igual

Figura 1 – Urutau



Fonte: profjaborritmo.blogspot.com. Acesso em 15/04/2023.

#PraTodoMundoVer + mimetismo da ave urutau + profjaborritmo.blogspot.com +.

Ájahi, a minha interlocutora, mobilizou a observação do comportamento da ave, ressaltando a capacidade de se camuflar, tornando-se quase invisível no galho ou tronco de uma árvore seca, e um fragmento de suas lembranças familiares.

Navegando na internet, encontrei estas notas (JAQUELINE, 2018):

Pousado na ponta de um galho seco, fitando a lua e estremecendo a calada da noite, [o urutau] emite um canto bruxuleante, que mais parece um lamento humano. Tem uma cabeça chata, olhos grandes e muito vivos, a boca rasgada de tal forma que os seus ângulos alcançam a região posterior dos olhos. A sua cor parda em tons de canela com riscas transversais e escuras permite-lhe adaptar-se perfeitamente ao galho da árvore, passando completamente despercebida. Este seu disfarce associado a uma perfeita imobilidade a protege dos seus predadores e lhe permite caçar as suas presas...

Boca rasgada, camuflagem que, ao mesmo tempo, o protege dos predadores e facilita a sua caça como predador.

Continua o mesmo texto a mencionar 'crendices' populares (JAQUELINE, 2018):

Em forma de "hu, hu, hu", que se faz ouvir após o anoitecer, procura a solidão mais espessa... sua voz é semelhante ao clamoroso lamento de uma mulher que termina com amortecidos

"ais". O seu canto provoca, portanto, espanto e piedade aos que possam ouvi-lo e é também fantasmagórico. "Meu filho, foi, foi, foi" – interpreta o povo. A par da voz queixosa e plangente, uma quase invisibilidade confere-lhe o caráter de um ente misterioso. Muitos não a tomam por uma verdadeira ave, mas sim por um ser fantástico, inacessível à mão e aos olhos dos humanos. Já outros, porém, não duvidam de sua existência, mas consideram-no como um ente enigmático e superior, dotado de muitas qualidades fora das leis naturais, entre elas, o de preservar das seduções e a pureza das jovens moças.

Em suma, a *akinha* kuikuro de Urutau é vagamente tingida pela associação deste pássaro com a noite, a escuridão, a morte, mas também com a sedução que transpira das jovens reclusas após a menarca, em transformação de mulheres imaturas para mulheres maduras, onde o sangue menstrual é o operador ao mesmo tempo da desordem letal consequência de conjunções perigosas a serem evitadas (pelos homens) e de separações adequadas à ordem do mundo. O que interessa aos (homens) Kuikuro – em sua seríssima fabulação cosmo-mitológica – é o mistério úmido e escuro guardado e desvelado pela "boca rasgada" de Urutau, fragmento mitológico desgarrado de uma densa rede de experiências e sentidos que gravitam em torno desta ave, rede que se estende pelas Américas (e além delas).

Vamos ler-ouvir a história, narrada por Jakalu Kuikuro e gravada no dia 11 de setembro de 1981, na aldeia Ipatse, em versão escrita bilíngue, com transcrição ortográfica e tradução feita por Jamalui Kuikuro, revisadas pela autora e por Ashauá Kuikuro. As linhas indicam enunciados, unidades prosódicas de respiração.

Itsakeha Bruna, hekini hegei akinha, akinhaha hekugu akatsege hūle unghianūmi, ẽ, tishūgu akinhagūpe gele

Ouçã, Bruna! Esta é uma história muito boa, vou contar uma história verdadeira. Sim, era uma das histórias dos nossos antigos.

Ájahi ingunkgingūdagū tūititaho, Ájahi ingunkgingūdagū tūititaho

Ájahi pensava deitado em sua rede, Ájahi pensava deitado em sua rede.

kakūngingo tsūgūha akagoi Ájahi

dizem que o pessoal de Ájahi era muito.

tsūeiha, ajahi ingungingūdagū tūititaho

Eram muitos, Ájahi estava pensando na sua rede

nūgūha iheke, tūhisuādāo hekeha, tikenemo heke leha ngapoha engapa itoto engapa itaō

Ele falou para seus irmãos, talvez foi para suas irmãs mais novas ou talvez foi para os homens e as mulheres.

ái – nügüha iheke – ukita kutale ehakeni igei uingungingũdagü eingungingukoala ekuatsange uingungingũdagü igei, kaküngi hekugu uingungingũdagü- nügüha iheke

Ai – ele falou –, eu estava pensando contrário às ideias de vocês (não sei se é uma boa ideia para vocês), estou pensando muito sobre isso – ele falou.

Ajahi kilüha tühisũdaõ heke

Ájahi disse para seus irmãos.

“uama?” *ihsũdaõ* “*Üama egei eingungingũdagü?*”

Como? Os parentes disseram: “o que está pensando?”

“Unguhungu nile egüi” *Ájahi kilüha, tühisũdaõ heke.*

“Como seria a vagina?”. Ájahi falou para seus irmãos.

“Unguhungu nile egüi, unguhungu nile egü engikõdohogui, tüingukinhünikaha egüi” *nügüha iheke* “*tüingukinhünikaha egüi, tatamitalongo*” *nügüha iheke*

“Como seria a vagina?” “Como seria a vagina?” “O que tem no seu interior?” “Como seriam os enfeites da vagina?” “Seriam como detalhes?” “Será que tem olhos?” “Será que se cruzam (cheio de detalhes)?” ele disse.

“*È, ihungẽitsitapa tunga*” *nügü iheke* “*ingukeitsitapa tuã*” *nügüha iheke*, “*ingukeitsitaha tuã, ngele ale hute*”

“Pergunte para Água – disseram-lhe – pergunte para Água – disse ele. “Pergunte para Água, ela que sabe muito bem”.

Ülepe leha telü leha tungainha leha.

Então, foi até Água.

Efibelü leha tunga kaenga leha

Chegou à aldeia de Água.

“*eide akatsege engüha kupisũügüko*” *nügü iheke*, *Ájahi hekeha tunga kilüha*

“Nosso irmão chegou” ele disse, Água disse falando de Ájahi.

“*ãde atsange uge elegĩdiginia* – *nügü iheke* – “*uama*” *nügü ihekeni* “*ẽ ãde atsange einhani uge*” *nügü iheke* “*uhisũdaõ ãde atsange uge einhani*” *nügü iheke*

“Estou aqui para perguntar a vocês” disse ele “Como?” Eles disseram “é que eu vim para vocês”

“Disse ele “Meus irmãos estou aqui para perguntar a vocês”, ele disse.

“*Üátima*”

“Do que se trata?”

“*È, unguhungu nile egüi*”

“Como é a vagina?”

“*È, ajã* – *nügü iheke* – *tinhingilü utsegei*, *ẽ, lalehüle gitse ingilü tiheke, ingilü tüpingoi ekugu inhengikõdohogu ingilü tiheke. Atatijũko heke lehüle egei tisigelü leha kijidu ale hüle sata leha hüle egei ahütü*”

“Ah, achei que era uma coisa importante” – respondeu – “Isso nós vemos direto, nós enxergamos direito, olhamos claramente todos os detalhes, quando elas nos usam para lavar dentro (da vagina) e isso nos deixa confusos e nada! (não conseguimos enxergar mais profundamente)”

“*Kenhinkuguni ale, aĩsaĩsagüa leha, ukijĩdu aleha ahütü kenhinkuguni uge Ajahi*” *nügü iheke* “*kenhinkuguni*” *nügü iheke*”

“Não quero te enganar, porque ficamos confusos e enxergamos como se fosse olhando dentro da neblina; Ájahi, não tem mais nada a explicar para você” disse ela. “Eu não quero te enganar inventando”, disse ela.

Hüge inha eteke, hüge inha, hüge ale gitse ingite, ẽ kuale hüge, hüge inha nipa eteke, üngele ale hüle gitse ingite angoloi ale hüle isata tute.

“Vá para o Pênis, vá para Pênis, Pênis que olha de verdade, agora, sim, ele é quem olha de verdade, vá para Pênis, é ele quem olha claramente já que entra dentro”.

“*È, osi eitsüe*” *osiapa eteke*

“Está bem, fiquem bem!” “Pode ir lá”.

Etelü leha hüge inha

Então ele foi para Pênis

Ülepe efibelü gehaleha hüge itukona, hügena gehale

Então ele chegou no lugar de Pênis, chegou para Hüge (flecha).

“*Ajahi etsagü eide*” *nügüha*

“Ájahi está aqui”, falaram.

“*Uama eitsagü igei*” *nügü*

“O que está fazendo aqui?”, falaram.

“*ãde atsuge elegĩdiginia eũgühütukoki*”

“Estou aqui para fazer perguntas sobre sua maneira de ser”.

“*Üátima*” *nügü ihekeni*

“Do que se trata?”, disseram.

ngikonga ekuleha nügüa leha egei ihangamita leha hüge heke leha

Pênis estava achando que era algo muito importante.

“*Unguhungu nile egüi*” *nügü iheke*

“Como é a vagina?” Disse ele.

“*Engü ataiha anũkgo atehe imũtonkgijũ atehe ehakeni elegĩdiginia tiha uetsagü*” *nügüha iheke*, *Ajahi kilüha hüge heke*

“É que vocês são aqueles que confrontam direto, por isso que vim perguntar e esclarecer” disse ele, Ájahi disse para Pênis.

"Ájá" nügü iheke "uinha tale egei inkona ekitomí" nügü iheke.
 "Ah tá", disse ele. "Pensei que você me perguntaria outra coisa", disse (Pênis).
La leha itigu, hüge itiguko telü leha
 Eles riram, os Pênis deram risadas.
imütsoketinhü tuhugu beta hegei, angini hügihá, angini hügen hüle del hekugui angini hügen taloki
ekugeleha, angini hügen itsaketühügüha la
 Dizem que eram rostos (dos pênis) para fora, os pênis de alguns, mas o pênis de outro era até bonito, normal, o pênis de outro não era nada e o de outro ainda era cortado.
 "itsakeha Bruna!"
 "Ouça, Bruna!"
 "ē" nügü iheke "lalehüle gitse imütonkgijü tiheke, imütonkgijü hüge heke tsüēi hekugu
 "É", disse. "Sim, enfrentamos/confrontamos (egü, 'vagina'), pênis fica enfrentando (a vagina) muito mesmo."
ülealehüle, tüpingoi late egü ingilü tiheke, tüpingoi ekugu
 Mas, vendo com tranquilidade, de boa.
ülelalehüle egei tisungugu igete leha tisetiingankgilü leha, tisetiingankgilü
 "O que nos deixa confusos é quando vomitamos, nós vomitamos".
tisetiingankgingalü leha ahütü kingukila bele egü ata leha tisetiingankgipügü heke tisiingengalü.
 "Quando vomitamos, ficamos perdidos dentro da vagina, ficamos assim porque vomitamos."
tisitügü itüdingalü leha, tisilohugu itüdingalü leha
 "Ficamos com dor de cabeça, com dor no peito."
kingukila leha titsengalü
 "Ficamos sem entender."
üle akegei atütüi tihá, tüpingoi hüle ihotugui imütonkginghalü tiheke
 "Por isso que não pude explicar direito, antes (de vomitar) a enfrentamos tranquilos ainda."
tisiheitingankgilü ekugu leha hüle ihesui
 "O problema é que vomitamos."
tisiheitingankgingalü leha (????) isinalü
 "Sempre vomitamos e sempre saímos."
 "Kenhinkgugini ale uge" nügüha iheke Ájahi heke.
 "Porque não quero mentir para você", disse ele para Ájahi
Atütüila kulalegitse imütütkongkgijü, otongi hekugu leha gitse imütonkginghalü tiheke
 "Não é bom brigar com ela (egü), é uma guerra quando brigamos com ela (egü)."
 "Atsiginha eteke!"
 "Vá para Mosquito".
 "Éhe, utetaiapa" nügü iheke
 "Está bom, eu vou", disse ele.
 "Egetomi leta hegei, engü ale bege ege isata etelükopile egei uenhügü elegidigini" nügüha
 iheke Ajahi heke.
 "É para isso que eu vim, é porque vocês entram lá, por isso que vim perguntar para vocês",
 disse Ájahi.
Atangeha atsigi inha, etelüha atsigi inha gehale.
 Lá foi para Mosquito, ele foi para Mosquito
La tsetse atsange egei ihata uheke, inhama tügipehi uhunü uhunümi uheke, ijeginümingo hegei
uheke ago háideneko inha
 Estou contando mais ou menos, não sei direito, vou perguntar ainda para esses mais velhos
itsake hegeha, atsigi inha "unguhungu nile egüi?" nügü iheke atsigi heke
 Ouça! Foi para Mosquito; "Como é a vagina?", perguntou para Mosquito,
 "Ē, ingilü leta hüle gitse tiheke"
 "Sim olhamos (sempre)"
aiha, ingilüla gitse tiheke. Ahütü...
 "Sim, olhamos sim, mas..."
ike kuapa, ikekuapa gitse isaküngidu ekubeha, ahütü
 "Veja que são muitos (os mosquitos), o problema é que são muito (ou somos muitos), nada!"
egü ingitohoila beleha kaküngi kuleha ingudepokongalüko "inhalüma ülegote ingilüi leha tiheke"
 Isso atrapalha muito a visão deles para olhar a vagina, "assim não conseguimos olhar direito"
inhalüma ingilüi leha tiheke
 "Assim não olhamos direito."
 "i tuatinhü inha eteke" nügü iheke "i tuatinhü inha"
 "Vá para Pau-Atravessado-No-Meio-Do-Caminho", disse ele. "Vá para Pau-Atravessado-No-Meio-Do-Caminho."
Atangeha etelü i tuatinhü inha, etimbelü i tuatinhü inha gehale
 Então foi até Pau-Atravessado-No-Meio-Do-Caminho, chegou na aldeia de Pau-Atravessado-No-Meio-Do-Caminho
Amatsüha kutegoho, tisiimagü tsunite i alamakipügü ama ijatühonga
 Quando caminhamos ao longo de um caminho, encontramos pedaços de madeira caídos que atravessam o caminho.
İkeapa, ülehungu uanügü ngikomuna titsegote hagitoi muke titselü, luki muke tütäoöki naha luki
titsengalü egei hagitoi muke, Aiha

Veja! Nós passamos por cima desses paus quando vamos para as grandes festas, com nossas mulheres, vamos para a festa de *ulukí*, convidados com as nossas mulheres, é assim.

Úle hungu uanügü ale itaô heke, bisu, atütüna beletsü igügüko inhügü ekugu, i heke leha tütatinhü heke ingilü bisu, atütüna eku leha

Quando as mulheres passam por cima, suas vaginas se abrem e são bem visíveis. É por isso que Pau-Atravessado-No-Meio-Do-Caminho pode vê-las, ele vê tudo o que precisa

tatuhisi leha gitse ingilü

Eles olham (as vaginas) bem avermelhadas.

Aiha, nügü iheke

Então ele perguntou:

Uama eitsa igei? nügü iheke

"O que você está fazendo aqui?", disse ele.

"Ē, ande akatsange einha uetsagü eügühütuki uakihatomi eheke? nügü iheke i tuatinhü heke

"Eu vim para que me contem sobre sua maneira de ser", disse ele para Pau-Atravessado-No-Meio-Do-Caminho

"E" nügü iheke "álati", ingilü leta gitse tiheke, ingilü leta gitse tiheke.

"Sim", disse ele, "sim, claro, olhamos sempre, sim, olhamos".

Osi ápa hōhō ādakaĩtse, ādakaĩtse"

"Abra a boca por favor, abra a boca".

Úlepei Ájahi tūdakaisi, t̄dzakaĩjúha egei

Ájahi abriu a boca e quando abriu a boca.

Figura 2 – A boca aberta de Urutau



Fonte: Arte de Tilaia Iohana Pereira da Silva (outubro 2022).

"Ingitüete hoho" nügüha iheke i tuatinhü kilüha tūhisüdüã heke

"Olhem!", disse Pau-Atravessado-No-Meio-Do-Caminho para

seus irmãos. *"angí igehungu egüi?" nügüha iheke*

"A vagina é assim, não é?", disse ele.

ē unatsüma engukatagü

Sim, é bem parecido como embaixo do frênulo da sua língua.

"üe ehegei"

"Sim, é certamente como isto"

Inhalüma atsange atütükuti uhunümi uheke

Não sei direito completamente

"Úle atsange atütüi", engü hegei tatute tiha egü engikohōdohogu

ihata hegei iheke

"Por isso que não estou explicando direito", isso porque está explicando sobre a vagina cada detalhe.

"Ige hungu tiki egei"

"É mesmo, é assim."

"Ige hungu tsale egei, engukatagü ādagü hungu" nügüha iheke

"É desse tipo, parecido com embaixo do frênulo da sua língua, parecido com a sua boca", disse ele.

Ikomunde kungapale āde hüle uhupekuginhi hüle, atütü kulale ingini

Deve ser, tem alguém que sabe bem, que olha direito/bem.

kenhinkugini ale uge. Úle atehe gele egei taloki gele sepejekita gele uheke.

"Não quero te enganar, por isso que estou tentando contar para você (mesmo sabendo um pouco, não muito da história, o máximo que consigo lembrar)."

Úle tsügütse egei, upügüha egei.

Eis as últimas palavras, acabou.

Aqui deixo uns breves comentários em torno da história de Ájahi.

A pergunta que não deixa Urutau dormir descreve, de alguma maneira, o que se espera encontrar no interior de uma *egü*, 'vagina'; Urutau quer detalhes concretos obtidos por testemunhos diretos, diríamos nós, evidências empíricas de primeira mão:

Unguhungu nile egüi, unguhungu nile egü engikōdohogui, tūingukinhūnikaha egüi nügüha iheke tūingukinhūnikaha egüi, tatamitalongo nügüha iheke – "Como seria a vagina? Como seria a vagina? O que tem no seu interior? Como seriam os enfeites da vagina? Seriam como detalhes? Será que tem olhos? Será que se cruzam (cheio de detalhes)? ele disse.

Egü deve ter seus *engikōdohogu*, 'enfeites, adornos', deve ter olhos, detalhes... Sugere-se que *egü* é também pessoa, ente socializado ou domesticado, cujo *ügühütu* ('maneira de ser') já é revelado pela sua representação como vagina vestida pelo *ulurí*, necessariamente (FRANCHETTO, 1996).⁴

Urutau parte para encontrar respostas e passa pelas aldeias de Água (*Tunga*), Pênis (*Hüge*), Mosquito (*Atsigi*), Pau-caído-no-meio-do-caminho (*i tuatinhü*): quem consegue ver de

⁴ O *ulurí* (etungi, -ĩgü en kuikuro) é um pequeno triângulo de entrecasca que cobre a fenda da vulva, segurado por cordéis de buriti, que circundam e passam entre as nádegas. Ao mesmo tempo, protege e esconde a entrada fechada da vagina, realçando seu valor e marcando a sexualidade madura e a fertilidade. O *ulurí* é visto como sendo parte integrante da genitália feminina.

fato para contar como é o interior de *egü*? Em cada aldeia, Urutau chefe (*anetü*) é recebido formalmente por chefes.

Ninguém tem a resposta esperada por Urutau, apesar de cada chefe fornecer algum detalhe do *ügühütu* de *egü* – lavada, penetrada, fechada, aberta. É o chefe Pênis, todavia, que mais discorre sobre a razão pela qual não vê e não tem uma resposta, apesar de ele ser quem ‘entra’ e poderia, em princípio, ver tudo: *hüge* é tanto ‘flecha’ como ‘pênis’.

Hilárias são a pincelada sobre a diversidade de pessoas-pênis e, mais ainda, a descrição do *ügühütu* de Pênis, ou seja, a penetração em fotogramas...: “nós encaramos/enfrentamos (*imütünkongkjijü*) *egü* (*egü* e *hüge* são adversários, *imütongo*); é uma guerra (*otonge*); entramos; vomitamos (ejaculação); ficamos tontos, desmaiamos; nada enxergamos”. Se Pênis se retrai mole e confuso de *egü*, esta também nada consegue ver nessa flechada peniana da duração de um raio.

Ajahi akinhagü faz rir, mas o riso é coisa séria... o desfecho é surpreendente e não revela os mistérios escondidos no interior de *egü*. Será que Urutau, definitivamente ludibriado, aceitará a não resposta? O interior de *egü* continua um mistério.

Conexões

Jogo a pedra *Ajahi akinhagü* no lago das mitológicas *kuikuro* (primeira onda, conexões internas) e *ameríndias* (segunda onda, conexões externas).

Conexões internas: a vagina cantada, esculpida e o riso

A história de *Ájahi* me leva para outra *akinha* (*hekugu*): *Ībe opogipügü* – o aparecimento do *pequi*. É o mito da origem da árvore e dos frutos do *pequi*,⁵ narrativa contada por Nahu, pai de Jakalu, também em 1981 (Bruna FRANCHETTO, 1986).⁶

Assim aconteceu.

As mulheres de Agagati mantêm relações sexuais com Sakangatü, o ‘Hiper-Jacaré’, ora um ser sobrenatural, ora em forma de gente. A traição é denunciada por Akugi (Cutia). Agagati se vinga matando Sakangatü. As mulheres se revoltam, choram e enterram o amante. Da genitália do ‘Hiper-Jacaré’ nasce o ‘Hiper-Pequi’ e a mangaba. As esposas de Agagati se recusam a fornecer comida e bebida ao esposo e o expulsam de casa. Taügi (o demiurgo enganador) é chamado para ‘pensar’ e chega para resolver dois dilemas e reconduzir as coisas à sua existência ordinária: transforma o ‘Hiper-Pequi’ em *pequi* adequado e amansa as esposas de Agagati. As mulheres continuam “sentindo a falta” de seu amante: só o riso poderá fazer com que aceitem a morte de um prazer mortal e voltem ao seu lugar no mundo humano dos homens. Taügi pinta Agagati para prepará-lo a uma dança e a um canto que “zombarão” das mulheres; na testa, desenha uma vagina.⁷

Instruído por Taügi, Agagati dança do *kuakutu* (a ‘casa dos homens’ no centro da aldeia) até a sua casa, dominada pelas mulheres, erguendo uma vagina aberta, esculpida em cera, e cantando:

ingike ingike – veja! veja!
eigügü hutoho – a imagem de sua vagina
ihekini hutoho – imagem gostosa
atütü hutoho – imagem bonita
uinha tiha tunkge – dê para mim
atütü tunkge uinha – dê bonita para mim
ihekini hutoho – dê gostosa para mim
ingike ingike – veja! veja!
eigügü hutoho – a imagem de sua vagina
atütü hutoho – imagem bonita
gudji-dzok

Magika sai do *kuakutu* dançando e cantando esses versos, provocando as mulheres que o rejeitaram e suscitando seu riso catártico. A imagem da vagina redonda: é palavra, é desenho pintado na testa de Magika, é a imagem de cera que ele traz na ponta de um pedaço de pau. *Gudji dzok* é ideofone que aviva o som da flecha-pênis penetrando na maciez pastosa, ideofone para o caminho da flecha-pênis que é, do ponto de vista masculino, a penetração.

A mesma cena do mito é revivida num dos cantos-danças da festa *Ahugagü*, associada ao *pequi* e ao ‘Hiper-Beijaflor’, seu poderoso mestre. Os homens dançam ao encontro das mulheres erguendo vaginas esculpidas e cantando como fez Agagati. As mulheres riem e reagem atacando em escaramuças de sabor sexual.

⁵ *Caryocar brasiliense*.

⁶ A *akinha Ībe opogipügü* – o aparecimento do *pequi* – está em Franchetto (1986; Volume II, p. 355-357, e Volume III, p. 20-62). É tema do filme *Imbe Gikegü* – Cheiro de Pequi, de direção de Takumã e Maricá Kuikuro, 36’, 2006.

⁷ Há toda uma série de associações entre o *pequi* e a sexualidade feminina.

Figura 3 – A vagina esculpida

Fonte: Fotografia de Gélsama Mara Santos (2007).

Egü hutoho é esculpido em cera de abelha, mostra os grandes e os pequenos lábios e seu interior vermelho; o triângulo invertido no topo é o ulurí, são suas asas com as quais as vaginas voam por aí... pessoas-vagina ou vagina-pessoas... precisam ser capturadas, domesticadas, para que suas 'portadoras' não deixem de serem alimentadoras de todos, dos homens.

Conexões externas: pelo Alto Xingu e pelas Américas

Lendo a excelente etnografia escrita por Antônio Roberto Guerreiro Júnior (2015), encontrei reverberações significativas no mito da origem do ritual *egitsü* (kuarup) ou do aparecimento de Taügi (*Taügi otsogitsügü*). Os Kalapalo são vizinhos dos Kuikuro e falantes de outra variedade da Língua Karib do Alto Xingu. Trata-se de uma longa narrativa, a mais citada e comentada, em suas diversas variantes alto xinguanas. É o Mito 5, Cena 2, na etnografia de Guerreiro (GUERREIRO JÚNIOR, 2015, p. 196-205). Assim aconteceu, em uma síntese do mito.

O ancestral Kuatüngü encontra *Enitsuegü* (chefe onça) enquanto caçava. Para não ser devorado, oferece uma das suas filhas em casamento. Kuatüngü resolve enganar *Enitsuegü*: fabrica mulheres de madeira, com a ajuda de seus irmãos.

"Quando os corpos das mulheres mais lindas do mundo ficaram prontos, estes incluíam o ulurí, e chegou o momento de elas se tornarem mulheres plenas, comendo peixe pela primeira vez como faz uma jovem ao final do jejum parcial..."

As mulheres partem para alcançar a aldeia de *Enitsuegü*. Em seu caminho, encontram vários 'animais' (hiper-seres) que lhes oferecem comida em troca de sexo. Todas elas usavam um bambu enfiado na vagina para guardar os espermatozoides. No final só restam as duas mulheres esculpidas na madeira *uegühi*. O último ser é a ave *Egü Ngamanetühügü* ['enfraquecido pela vagina']. Sangitsegü, a mais velha e mais linda das mulheres de *uegühi*, foi fazer sexo com ele, mas sem o bambu, com sua vagina de verdade. Egü Ngamanetühügü encontrou uma vagina de verdade, ejaculou muito rápido e intensamente; imediatamente Sangitsegü o empurrou e ele saiu voando, meio tremendo, ficando assim até hoje.

Em seu caminho para a aldeia de *Enitsuegü*, as filhas do ancestral Kuatüngü enganam os seres que desejam o sexo delas, menos Sangitsegü, cuja vagina desprotegida é penetrada pela ave *Egü Ngamanetühügü*, que "vomita" e levanta voo tremendo. Ela é a única que consegue chegar até o destino. A maciez dessas vaginas ancestrais, vestidas pelo ulurí, enfraquecem 'hiper-seres' e homens, como continua acontecendo.

Voando pela Amazônia, Yurutahy – boca (*yura*), escancarada, destendida (*tahy*), em Nheengatu – aparece em *Poranduba amazonense, ou kochiyma-uara porandub* (João BARBOSA RODRIGUES, 1890, p. 151-152), como personagem de canções em nheengatu (*Yurutahy Nheengareçara*, Jurutahy cantiga):⁸ "Esse fissirostro, os indígenas o têm como protector da virtude das mulheres...". E eis fragmentos desgarrados da viagem de Urutau: a boca escancarada da ave, Pau-Caído-No-Meio-Do-Caminho olhando vaginas entre as pernas femininas, o riso.

Contam que Yurutahy estava vendo uma mulher passar por grosso páo. Depois o Yurutahy perguntou ao páo: - de que forma era o que vestes entre as pernas da mulher? = Eu vi a forma e o tamanho da tua bocca.

- Uá! uá!...Uá! uá!... (BARBOSA RODRIGUES, 1890, p. 152, na tradução de versão nheengatu do Rio Branco).

N'uma noite de luar, havia um páo cahido no caminho e passando um Yurutahy perguntou ao páo: - Oh! meu cunhado! Quem passou por cima de ti? = quem foi? Uma mulher com uma bocca grande como a tua.

O Yurutahy gostou e riu-se para ele.

- Uá! uá!...Uá! uá!... (BARBOSA RODRIGUES, 1890, p. 152, na tradução de versão nheengatu do Amazonas).

Em *A Oleira Ciumenta*, Claude Lévi-Strauss (1985) dedica um inteiro capítulo ao Engole-ventos, ou mãe-da-Lua, Urutau, batendo asas pelas mitológicas ameríndias, como as vaginas aladas kuikuro (LÉVI-STRAUSS, 1985, p. 50-51):

O fato de os Engole-ventos estarem particularmente bem representados no Novo Mundo talvez explique o lugar privilegiado que ocupam nas crenças indígenas... Chamados no Brasil de

⁸ Agradeço a Gustavo de Godoy e Silva pela indicação desta citação.

Mãe-de-Lua, Manda-Lua ou Chora-Lua (consta que os Engole-ventos cantam mais nas noites de lua), esses pássaros recebem, na América tropical e subtropical, nomes indígenas em geral de origem tupi ou guarani, que variam de acordo com a região, o gênero ou a espécie: urutau ou jurutau, traduzido ora como “pássaro fantasma”, ora como “boca grande”, ibijau, “come-terra”; bacurau, curiango, etc. Os Tukuna acreditam que as almas dos mortos voltem sob a forma de Engole-ventos, para chupar o sangue, a carne, os ossos dos vivos, dos quais só deixam a pele... Na Guiana, os Arawak acreditam que os Engole-ventos sejam as aves familiares dos espíritos dos mortos.

Para os Tikuna, quando os homens não conheciam o fogo, ele estava escondido na boca de Urutau. Só uma velha sabia deste segredo. Perguntaram a ela como conseguia cozinhar e ela respondeu: “no sol”. Engole-ventos achou graça da mentira, explodiu literalmente numa gargalhada, deixando sair as chamas de sua boca, que foi rasgada à força. Em mitos da Guiana sobre a origem do fogo de cozinha, este pertence exclusivamente a uma velha, que o guarda na vagina (LÉVI-STRAUSS, 1985, p. 61). Lévi-Strauss não deixa de mencionar que “os índios costumam comparar a boca grande do Engole-vento a uma vulva” (LÉVI-STRAUSS, 1985, p. 61).

Enfim, os mitos associam o Engole-ventos e o ciúme conjugal [e não conjugal]. Mais precisamente, esta ave está na primeira fila de mitos cujo tema é a separação ou o afastamento dos sexos (LÉVI-STRAUSS, 1985, p. 58).

Bocão escandaloso, Urutau tece conexões entre noite, mortos, fogo, vulvas, risos, ciúmes, sexos separados, desunião de cônjuges e amantes. O fogo na boca de Engole-ventos nos lembra que a vagina ‘queima’ (enquanto o pênis apenas ‘fura’), como dizem os Kuikuro. A vagina também separa, enfraquece, retém (como no bambu das mulheres de madeira no mito kalapalo, o oposto do vômito da ejaculação).

Uma conclusão?

O leitor, como todo *kagaiha*, esperaria uma conclusão deste breve ensaio, de fato, em aberto. Fiel ao meu aprendizado na aldeia, declaro aqui o fim da minha *akinha*, deixando os personagens de Urutau e de *Egü* sem moral, somente para contemplar nossas vulvas ‘pensadas’, perigosas e *tihipükoinhü* (‘valiosas’). Afinal, as saliências do nosso corpo, que nos pertence, não escapam da predação socializadora (masculina), se depreendem e são depreendidas, para esvoaçar, como aves-fantasmas, em pensamentos que cortam tempos e espaços.

Upügüha igei – ‘este é último’.

Referências

BARBOSA RODRIGUES, João. Poranduba Amazonense, ou kochiyima-uara porandub. Rio de Janeiro: Typ. de G. Leuzinger & Filhos, 1890. Disponível em http://biblio.etnolinguistica.org/rodrigues_1890_poranduba. Acesso em 04/08/2023.

FRANCHETTO, Bruna. “L’autre du même: parallélisme et grammaire dans l’art verbal des récits Kuikuro (caribe du Haut Xingu, Brésil)”. *Ameríndia*, n. 28, p. 213-248, 2003.

FRANCHETTO, Bruna. “Mulheres entre os Kuikúro”. *Revista Estudos Feministas*, INFCs/UFRJ, n. 1, p. 35-54, 1996.

FRANCHETTO, Bruna. Falar Kuikúro. Estudo etnolinguístico de um grupo karíbe do Alto Xingu. 1986. Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social) – Departamento de Antropologia, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 1986.

GUERREIRO JÚNIOR, Antônio Roberto. Ancestrais e suas sombras: uma etnografia da chefia Kalapalo e seu ritual mortuário. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2015.

JAQUELINE. “Lenda: Urutau – Mãe-da-Lua”. Blog Armazém do Texto, 2018. Disponível em <https://armazemdetexto.blogspot.com/>. Acesso em 01/01/2023.

KUIKURO, Ájahi. “Definição de Urutau”. WhatsApp: mensagem individual, 10/05/2022. 10:45. 1 mensagem de WhatsApp.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *A Oleira Ciumenta*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

Bruna Franchetto (bfranchetto@yahoo.com.br) é Professora Titular do Departamento de Antropologia, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Com Doutorado concluído em 1986 pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional (UFRJ), seus interesses de pesquisa incluem: documentação e descrição de línguas

indígenas, tradução, artes verbo-musicais indígenas, gênese e impacto da escrita e gênero. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8621640564395100>

COMO CITAR ESTE ARTIGO DE ACORDO COM AS NORMAS DA REVISTA

FRANCHETTO Bruna. "A viagem de urutau: Como é a vagina por dentro?". *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 31, n. 3, e95356, 2023.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Não se aplica.

FINANCIAMENTO

CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Bolsista PQ Sênior).

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Ver documentos "Autorização para uso de imagem", da autora do desenho Figura 3, Tilaia Iohana da Silva Pereira, e da autora da foto Figura 4, Gélsama Mara Ferreira dos Santos.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO

Este artigo está licenciado sob a Licença Creative Commons CC-BY 4.0 International. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

HISTÓRICO

Recebido em 07/07/2023
Reapresentado em 12/07/2023
Aprovado em 13/07/2023

